UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARÍCIA GABRIELA MORAIS PRETO

CANTANDO A FÉ:
uma análise sobre os processos educacionais das músicas em um terreiro de Umbanda

Goiânia

2021

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Marícia Gabriela Morais Preto

Título do trabalho: Cantando a fé: uma análise sobre os processos educacionais das músicas em um terreiro de Umbanda

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [ ] NÃO[1]

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

sei! assinatura eletrônica

Documento assinado eletronicamente por **MARICIA GABRIELA MORAIS PRETO**, **Discente**, em 17/07/2021, às 17:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

sei! assinatura eletrônica

Documento assinado eletronicamente por **Márcio Penna Corte Real**, **Professor do Magistério Superior**, em 19/07/2021, às 09:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A auten cidade deste documento pode ser conferida no site h ps://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?

MARÍCIA GABRIELA MORAIS PRETO

CANTANDO A FÉ:
uma análise sobre os processos educacionais das músicas em um terreiro de Umbanda

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, como requisito para avaliação da disciplina de TCC2.
Orientador: Prof. Dr. Márcio Penna Corte Real

Goiânia

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Preto, Marícia Gabriela Morais
Cantando a fé [manuscrito] : uma análise sobre os processos educacionais das músicas em um terreiro de Umbanda / Marícia Gabriela Morais Preto. - 2021. XXIX, 29 f.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Penna Corte Real.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Pedagogia, Goiânia, 2021.

1. UMBANDA. 2. PROCESSOS EDUCACIONAIS. 3. INTERCULTURALIDADE. 4. MÚSICA. I. Real, Márcio Penna Corte , orient. II. Título.

CDU 37

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao(s) 07 dia(s) do mês de junho do ano de 2021 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) in tulado “Cantando a fé: uma análise sobre os processos educacionais das músicas em um terreiro de Umbanda”, de autoria de Marícia Gabriela Morais Preto, do curso de Pedagogia, do(a) Faculdade de Educação da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Prof. Dr. Márcio Penna Corte Real - orientador da FE/UFG com a par cipação dos demais membros da Banca Examinadora: Prof.a Dr.a Thaís Regina de Carvalho Pires membro 1 da FE/UFG. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 10,00 , tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Documento assinado eletronicamente por **MARICIA GABRIELA MORAIS PRETO**, **Discente**, em 17/07/2021, às 17:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Márcio Penna Corte Real**, **Professor do Magistério Superior**, em 19/07/2021, às 09:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Thaís Regina De Carvalho**, **Professora do Magistério Superior**, em 19/07/2021, às 10:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autencidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2216735** e o código CRC **128D1A10**.

Dedico este trabalho a todos aqueles que um dia tiveram suas próprias convicções questionadas, afim de promover um mundo diferente para se viver.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à dona Marisa, minha mãe, que foi um forte pilar na minha trajetória de vida, sempre me apoiando e incentivando à busca pelo conhecimento.

Agradeço a Deus, à Oxalá e a todos os seres divinos, guias espirituais que zelam por nós nessa passagem aqui na Terra.

Agradeço à Umbanda, à Casa de Caridade Luz do Alvorecer e em especial à zeladora e mãe de santo deste terreiro Roseli Santos por todo acolhimento e ensinamento que me proporcionou ao longo dos anos nos quais vivenciamos coletivamente.

Agradeço à família que mesmo de longe me deu total apoio em todas decisões que tomei e que protegem todo amor que a elas reservo.

Agradeço à minha companheira que esteve presente nos momentos difíceis, me fortalecendo fazendo com que eu acreditasse em meu potencial.

Aos amigos que ouviram hipóteses e hipóteses até que eu chegasse à um resultado final. Aos colegas de graduação meu agradecimento por serem e estarem por inteiro apoiando a conclusão de mais uma etapa da vida. Aos professores que participaram e fizeram deste sonho realidade.

A vocês a minha infinita gratidão!

RESUMO

Este trabalho discute os processos educacionais que ocorrem em um terreiro de Umbanda por intermédio das músicas, buscando evidenciar as funções pedagógicas empregadas à religião e seu papel na comunidade como prática social. Realizamos um estudo do material litúrgico desta instituição, analisando músicas que expressam o passado colonial e as histórias de resistência dos povos escravizados. A partir de uma perspectiva educacional intercultural, ressaltamos a importância desses conhecimentos para a formação de uma sociedade mais igualitária, no sentido de defender lutas anti-racistas e a lutas contra a intolerância religiosa. Portanto, as músicas umbandistas podem contribuir nos estudos dos processos educacionais de maneira que, ao propor estar em contato com diferentes culturas, nos possibilitam aceitações que contribuem para processos de organização social das pessoas, reafirmando nossas diferenças e aprendendo a respeitá-las.

Palavras-chave: Umbanda. Processos Educacionais. Interculturalidade. Música.

ABSTRACT

This paper discusses the educational processes that take place in an Umbanda temple through music, seeking to highlight the pedagogical functions employed in religion and their role in the community as a social practice. We conducted a study of the liturgical material of this institution, analyzing songs that express the colonial past and as stories of resistance from enslaved peoples. From an intercultural educational perspective, we emphasize the importance of knowledge for the formation of a more egalitarian society, in the sense of defending anti-racist struggles and struggles against religious intolerance. Therefore, Umbanda music can contribute to the study of educational processes in such a way that, by proposing to be in contact with different cultures, it allows us acceptances that contribute to the activities of people's social organization, reaffirming our differences and learning to respect them.

Keywords: Umbanda. Educational Processes. Interculturality. Music.

“Numa noite linda

Noite de luar

Preto-velho orou a Zambi

Pra cativeiro acabar”

SUMÁRIO

1. Introdução.....12-14
2. A Umbanda e seus processos educacionais…….....15-16
3. Interculturalidade na comunidade.....17-19
4. A Luz do Alvorecer 20
5. Os pontos cantados e análise de múscias.....21-22
   5.1. Quais as mensagens das músicas?.....…….....23-27
6. Considerações finais.....28
7. Referências 29

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de pesquisa no âmbito educacional e intercultural como critério de avaliação da disciplina de TCC-2 da Universidade Federal de Goiás. Temos como objetivos analisar as músicas da religião umbandista e suas funções pedagógicas, destacando suas contribuições para a educação e para a sociedade, reforçando a compreensão que processos educacionais são multifacetados.

A ideia de relacionar música e processos educacionais surgiu depois de questionamentos sobre as motivações de ensinar e como ensinar, serem relevantes durante minha trajetória acadêmica no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás.

Na procura por uma educação abrangente e democrática, buscamos compreender os processos educacionais que acontecem para além do ambiente escolar e do senso comum, buscando metodologias que ampliem nosso leque de possibilidades.

Aos 20 anos comecei a frequentar um terreiro de Umbanda, onde tive acesso à iniciação de estudos sobre conhecimentos advindos desta religião. Diferentemente das religiões brasileiras mais hegemônicas (Cristianismo, Catolicismo e Kardecismo) a Umbanda e o Candomblé não possuem uma tradição escrita marcada por um livro sagrado, como a Bíblia e o Evangelho de Allan Kardec.

Para além disso, é característica fundamental a história e liturgia ensinada através dos cânticos, que além de trazerem ensinamentos filosóficos, expressam em suma a história da Umbanda e do passado colonial dos negros e indígenas, os quais foram submetidos ao tráfico humano e a exploração de suas capacidades físicas, ou seja, sujeitados à escravização.

Desde o século XV com a exploração da costa da África e a colonização das Américas, indígenas e afrodescendentes foram sujeitados à condição de escravização, prática que na antiguidade se baseava em fatores como dívidas, resultado de guerras ou hereditariedade, toma a "raça" como fator determinante da escravidão moderna.[1]

Negros e indígenas foram durante anos obrigados a viver sob torturas, trabalhos exaustivos, condições degradantes e, além disso, o não cumprimento dessas obrigações resultavam em noites de punições físicas no tronco e até mesmo na morte.

---

[1] Para ver mais sobre a temática, ver em: HITA, Maria Gabriela (Org). *Raça, racismo e genética*: em debates científicos e controvérsias sociais. Salvador: EDUFBA, 2017. 225 p.;

Consequentemente os resultados desse processo refletem até hoje, mesmo com a abolição da escravatura em 1888 aqui no Brasil, os negros vivem em constante movimento de busca por igualdade social pois; ainda sofrem violências físicas e psicológicas, além de serem estigmatizados e excluídos da sociedade, têm sua cultura demonizada e enfrentam mais intolerância religiosa que os demais grupos.

Desde de a catequização dos indígenas é imposto um padrão de ensino brasileiro. Fomos ensinados que "o Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral no ano de 1.500". No entanto, já havia aqui moradores residentes deste "país sem dono": os indígenas. Podemos observar o rumo que a estrutura de educação brasileira tem tomado através disso, instituições que ensinam apenas alguns conhecimentos sobre esta história, religião e cultura, na tentativa de hegemonizar toda uma sociedade.

De acordo com as Leis 10.639/03 (BRASIL, 2003) e 11. 645/08 (BRASIL, 2008), que alteram a LDB (Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), torna-se obrigatório o ensino da História e Culturas afro-brasileira e indígena em todas as instituições escolares brasileiras sejam públicas ou privadas. Cabe também mencionar as Diretrizes Curriculares Nacionais de 2004, estas que: "(...) que têm por meta promover a edução de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multticultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática."(...) (MEC, 2004)

Vale destacar que a vigência dessas leis é fruto de grandes lutas sociais inclusive da atuação do Movimento Negro, no qual também tem como uma de suas pautas, a denúncia da ausência de conteúdos e práticas pedagógicas que somem à luta antirracista.

Permeando discussões nos âmbitos educacionais, buscamos esclarecer a importância de afirmar os direitos de ensino e acesso à cultura e história destes povos, para que através da educação consigamos desconstruir tais estereótipos e preconceitos estruturalmente impregnados em nossas falas, atitudes e em nossa história.

É importante fazer a relação destes direitos aos valores civilizatórios afro-brasileiros, destacando a religiosidade, a memória, a musicalidade, a oralidade, a energia vital e a ancestralidade que instituiram e implantaram um 'conjunto de aspectos e características existenciais" em dimensões continentais, portanto constituintes da sociedade brasileira. (TRINDADE, 2005 p. 30).

Esta pesquisa vislumbra contribuir no âmbito educacional, o qual se propõe a reflexão e a transformação social para a reconstrução de uma sociedade antirracista e mais tolerante. A partir

de uma perspectiva intercultural, que reafirma nas diferenças o direito de cada sujeito ter e seguir sua cultura, ou seja, permitir que esta parcela tome posse de seu papel como participante da história influenciando nas decisões coletivas, já que historicamente tiveram quase nenhum poder.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: na primeira seção apresentamos um panorama geral da Umbanda e sua relação com os processos educacionais, além do processo inicial de produção. Na segunda seção encontra-se uma reflexão sobre a Interculturalidade. Na terceira seção consta a caracterização da instituição, das músicas e por fim a análise de tais.

2. A UMBANDA E SEUS PROCESSOS EDUCACIONAIS

Neste capítulo apresentaremos um panorama geral da Umbanda no que se refere à história de sua origem e sua relação com os estigmas deixados pela escravização, além de trazer aspectos importantes para a discussão sobre os processos educacionais desenvolvidos na religião.

As primeiras manifestações que poderíamos distinguir como umbandistas se deram a partir das hibridizações causadas pela colonização. A chegada dos portugueses trazendo negros africanos como escravizados, explorando indígenas e suas terras, impondo novos costumes e crenças, trouxe a necessidade desse povo se expressar. É importante salientar que desde os princípios mais remotos, todas culturas tiveram seus deuses e suas formas de cultuá-los.

De acordo com Hulda Costa (2013),

> Este contexto histórico será palco para a formação de novos hábitos, costumes e crenças. Destacamos por fim, os acontecimentos que deram causa a essas novas crenças e novos valores, que foram resultantes dos confrontos estabelecidos por essa religião majoritária ao combater e oprimir as crenças tradicionais dos negros e dos indígenas (COSTA, 2013, p. 17).

Em 1908 por meio de uma manifestação espírita de um indígena (Caboclo das 7 encruzilhadas) em uma sessão kardecista onde apenas espíritos ditos evoluídos poderiam se manifestar, ou seja, entidades de pretos-velhos e de indígenas eram tidos como espíritos menos evoluídos, o médium Zélio Fernandino de Morais incorporado com o caboclo determinou que a partir de então abriria sessões para que estes espíritos pudessem se manifestar trazendo seus ensinamentos. (CUMINO, 2015, p. 123)

Há várias discussões em relação à criação da Umbanda, no sentido de que se trata de um processo constitutivo dependente de seu momento histórico. Em concordância com Bruno Rohde a umbanda surge de "Um movimento específico que, ao ser considerado como fundador, acaba por condicionar as interpretações feitas sobre a religião por adeptos e estudiosos e o modo de vivenciar o universo das práticas e crenças umbandistas'' (ROHDE, 2009, p.76).

Mesmo com a abolição da escravatura em 1888, o racismo tem estado enraizado tanto na sociedade com seus costumes, falas e tradições, quanto nas doutrinas religiosas. A partir de então, o médium Zélio Fernandinho fundou uma e logo outras tendas espíritas, onde recebiam os fundamentos da religião através desses espíritos renegados. As bases para a doutrina foram

determinadas como a caridade e fraternidade, além de estarem abertas a todos os ensinamentos vindos de espíritos de luz (CUMINO, 2015, p. 125-126).

Compreende-se que toda instituição seja ela familiar, religiosa ou social traz seus saberes influenciando diretamente em nossas concepções, ou seja, somos constituídos por essas transversalidades. Portanto não seria diferente com um terreiro de Umbanda.

Sendo uma instituição religiosa propicia saberes de organização social como traz Renata Silva Bergo, retratando os processos de aprendizagem na e da Umbanda, permitindo aos leitores uma percepção sobre como tais processos ocorrem, elucida questões que emergem durante a pesquisa e relata: "Tomando um terreiro de Umbanda como campo de pesquisa, essas noções naturalizadas são colocadas em discussão, o que permite compreender a aprendizagem como um fenômeno situado, constitutivo da prática social" (BERGO, 2010, p. 86).

Nesse trecho, a autora nos afirma que ocorrem processos educativos para além da escola por meio da interação social, do envolvimento do sujeito para com o outro e o ambiente. Nos permitindo compreender que esse movimento, essa troca resulta em seres conscientes do coletivo, propiciando diferentes conhecimentos (empíricos, teológicos e filosóficos) por fazerem parte de uma sociedade de troca de saberes e fazeres.

O intuito de se ter acesso a diferentes tipos de culturas na educação nos remete à desconstrução necessária de um ensino que tem se tornado cada vez mais segregado, racista e excludente.

Quando dizemos sobre processos de aprendizagem, logo nos remetemos a ideia de professor mediando conhecimento ao aluno, de forma sistematizada e intencionalmente direcionada. Todavia, o ser humano é capaz de aprender com todas as situações, ações e pessoas por meio da interação. Partindo desta afirmação, nos colocamos a questionar de que forma tais processos acontecem em um terreiro de Umbanda por intermédio das músicas.

Todos nós conhecemos o mundo através da linguagem e suas diferentes manifestações e da soma de nossas experiências nas práticas sociais. No entanto, somos seres únicos, pessoas que tem princípios tanto semelhantes quanto díspares, com religiões diversas, vivendo experiências diferentes e, portanto, aprendendo saberes distintos, sendo ao mesmo tempo também seres sociais dependentes dessa troca entre sujeitos para compartilhar conhecimentos.

Dito isso, questionamos primordialmente de que forma esses processos educacionais acontecem em um terreiro por meio das músicas e para além disso, quais suas contribuições

para a sociedade visto que abordam conteúdos historiográficos fundamentais e de necessidades sociais.

3. A INTERCULTURALIDADE NA COMUNIDADE

Neste capítulo trabalharemos com o conceito de educação intercultural, bem como o seu papel na desconstrução de uma estrutura de sociedade excludente. A interculturalidade como resposta para a reconstrução do ser mais humano que visa preservar identidades culturais, propiciando respeito e trocas de enriquecimento mútuo.

De acordo com Vera Maria Candau em *Diferenças Culturais e Educação*:

> A perspectiva intercultural quer promover uma educação para o reconhecimento do "outro", para o diálogo entre diferentes grupos sociais e culturais. [...] está orientada à construção de uma sociedade democrática, plural, humana, que articule políticas de igualdade com políticas de identidade". (CANDAU, 2011, p. 27).

A autora destaca a importância do diálogo e da troca de experiências entre pessoas das mais diferentes origens e culturas promovidas pela perspectiva intercultural, forma esta que também reforça a relevância da democracia articulada à educação e à sociedade em geral.

Candau (2011) nos traz reflexões sobre a educação intercultural e considera aspectos sobre a descolonização do ensino eurocêntrico relevantes para tal discussão. Assim, evidenciamos a necessidade de desconstruir uma estrutura de ensino excludente, racista, e que tende homogeneizar e a apagar a história do passado colonial, ecoando nos processos sociais da atualidade.

Para isto, a autora nos leva à reflexão sobre caminhos para alcançar a educação intercultural que possibilitem a quebra de estigmas e preconceitos estruturalmente enraizados na sociedade. Como também sobre os aspectos importantes a se discutir como o caráter monocultural e etnocêntrico que se impregnaram nas políticas educativas e seus currículos. Consequentemente questões de igualdade e diferença que devem ser trabalhadas a fim de garantir o respeito mútuo e o cumprimento do direito de educação a todos.

Em seu livro *Diferenças culturais e educação* Vera Candau (2011), a autora nos orienta em relação à proposta de uma educação que respeita o outro e suas diferenças, além de perceber

esse “outro” como participante da construção da sociedade. Essa proposta se prolonga em núcleos onde a interculturalidade deve se fazer presente.

No primeiro núcleo ela destaca a “necessidade de desconstrução", onde explicita que se deve adentrar no universo de preconceitos que tem caráter “fluido” chegando a ser “sutil” nas relações que naturalizam o problema tornando-o mais complexo. Sem que percebamos, o racismo está enraizado em nossas falas e expressões rotineiras, costume que deve ser policiado e ressignificado. (CANDAU 2011, p. 27).

De acordo com balanço realizado pelo Disque 100 - Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, foi demonstrado que os praticantes das religiões de matrizes africanas são mais vítimas de intolerância religiosa comparado com outros grupos. O balanço aponta mais de 500 denúncias em 2018, dentre os segmentos mais atingidos estão: umbanda, candomblé, testemunhas de Jeová, matrizes africanas e alguns segmentos evangélicos (MMFDH, 2019).

O segundo núcleo está relacionado às “preocupações das políticas públicas e educacionais sobre as relações de igualdade e diferença" (CANDAU 2011, p. 28); o quanto essas políticas interferem e fazem uso de sua autoridade para favorecer essas lutas. É dever do Estado reconhecer e valorizar esses conhecimentos e essas culturas, garantindo o direito de todos cidadãos.

Para além disso, essas ações devem ser articuladas permitindo o acesso da sociedade a essa parcela cultural discriminada, ou seja, para que a desconstrução ocorra as religiões estigmatizadas devem ser percebidas como símbolo de resistência histórica. Transformação esta, que é viabilizada por meio dos processos educacionais, sejam eles na comunidade ou nos terreiros.

O terceiro núcleo está relacionado ao “resgate cultural de identidade tanto pessoal quanto coletivo”. O quanto se tem perdido de tradição, de cultura, de conhecimento, com essa segregação e exclusão racial. Sobre o quanto esses moldes têm estruturado os padrões de estética e de autenticidade da sociedade. (CANDAU, 2011, p. 28). Podemos perceber através dos conteúdos que são vendidos: a boneca branca, loira e magra que está nas prateleiras fala muito sobre isso.

A instituição religiosa também faz parte da resistência cultural. Mas, por serem demonizadas as religiões de matrizes africanas, suas músicas, suas tradições e suas doutrinas são atribuídos aspectos negativos.

O quarto e último núcleo, de acordo com a autora, buscamos estabelecer um eixo entre o “eu” e o “outro”, ou seja, a interculturalidade nos mostra a capacidade que temos de nos situar no mundo e aprender a conviver com o outro, com o diferente, em sociedade. Isso implica em uma reconstrução que parte da educação (CANDAU 2011, p. 28-29).

Podemos observar resistência dentro do terreiro, espaço no qual são regidos por fundamentos oriundos da instituição, e lá convivem pessoas diversas, e que mesmo com essas diferenças conseguem vivenciar um pouco das solidariedades que ensinam as músicas umbandistas. (Veremos mais sobre no capítulo 6.)

4. A LUZ DO ALVORECER

Nesta parte do trabalho, faremos a apresentação da instituição da qual provêm os pontos cantados, que são objetos da nossa análise. Esta instituição, também, foi responsável pela minha iniciação como umbandista.

O terreiro de umbanda Casa de Caridade Luz do Alvorecer está situado na cidade de Goiânia-Goiás, com funcionamento desde 2011 tendo como dirigente a mãe de santo Roseli Santos. Esta instituição religiosa é responsável pela iniciação de mais de 30 praticantes de diversas faixas etárias (16 - 60 anos de idade), realizando seus encontros semanalmente às segundas-feiras normalmente as 20:00hrs com duração média de 2 horas. A casa atende aproximadamente 25 pessoas por sessão.

Os cultos de umbanda são chamados de gira, que consistem em reuniões espirituais nas quais os praticantes iniciados formam um círculo e fazem um movimento de girar para direita e para a esquerda (por isso o nome de gira), formando uma corrente, nome designado a estes iniciados. Frequentadores são chamados de “assistência”, pois normalmente se fazem presentes para receber algum tipo de apoio, seja um conselho, uma limpeza espiritual com ervas ou até uma sessão de descarrego.

O terreiro disponibiliza um grupo de conversação em um aplicativo de mensagens por telefone celular, em que são passadas informações sobre encontros, materiais de estudo e organização de ações da instituição. O terreiro também organiza grupos de estudos para os mesmos a fim de proporcionar conhecimentos sobre a doutrina. Vale ressaltar que esta mesma instituição foi o lugar no qual tive acesso à iniciação de estudos sobre conhecimentos advindos da religião.

As tabaqueiras são as responsáveis por executar as músicas com o acompanhamento dos atabaques e das palmas da corrente, pela seleção das músicas que serão cantadas em cada gira, como também da organização do arquivo contendo todas as músicas cantadas no terreiro. A instituição não tem fins lucrativos e conta com a ajuda de seus frequentadores para a manutenção e conservação.

A escolha desta instituição como campo de pesquisa foi propriamente pela iniciação umbandista que a mesma me disponibilizou, pelo seu acolhimento, além da intenção de que o conhecimento propagado quebre estigmas e preconceitos pré-estabelecidos pela sociedade.

5. OS PONTOS CANTADOS E ANÁLISE DE MÚSICAS

Neste capítulo trabalharemos com o ponto cantado e suas funções dentro do terreiro de Umbanda, esclarecendo o sincretismo e a tradição oral desta religião. Os pontos cantados são as músicas entoadas durante as sessões umbandistas. Eles têm várias funções, desde serem responsáveis pela condição vibracional nos cultos, para o conhecimento dos fundamentos da religião, como também trazem relatos sobre condições as quais os negros e indígenas foram sujeitos a viver durante séculos.

De acordo com Almeida e Souza (2012, p. 1),

> Nas religiões da matriz afro-brasileira são utilizados pelos sacerdotes e praticantes versos musicais denominados Pontos Cantados. De maneira geral, consistem em poemas de caráter mitológico e/ou épico que rememoram no imaginário dos praticantes os feitos de heróis, divindades e reis do passado ou os fundamentos de sua religião.

Portanto, como mensurado acima, os pontos cantados são a celebração e a rememoração de feitos por heróis desta religião que acolhiam e ajudam negros e indígenas escravizados. E é a partir destes nobres feitos que são baseados os fundamentos da doutrina e perpassados pelas letras das canções.

É característica da Umbanda não possuir livro sagrado como as religiões mais hegemônicas (Catolicismo e Cristianismo) que possuem a Bíblia Sagrada. As tradições e fundamentos são perpassados de geração para geração por meio das músicas e das histórias, aspecto que torna a religião uma adepta da tradição oral.

Tradição oral é todo costume ou história que são marcadas pela oralidade, ou seja, não se tem um livro ou manual escrito determinando como deve se fazer tal coisa. Todos seus movimentos se não a maioria são conservados pelas canções e histórias. Por isso, nas religiões de matrizes africana, as pessoas mais experientes, consideradas mais sábias são as mais velhas, pois obtém mais conhecimento através dos anos. Embora se tenha hoje vários livros sobre Umbanda, nenhum deles é o livro da Umbanda.

A Umbanda é uma religião híbrida já que é fruto de um sincretismo religioso, que nada mais é que a mistura de crenças. É uma religião com aspectos católicos, cristãos, espíritas, além de matrizes africanas e indígenas. Acredita-se em um único Deus, mas também em uma grande egrégora de entidades e divindades que estão relacionadas às forças da natureza.

Para Vaini (2006, p. 18),

> Capaz de absorver elementos de outras religiões, que são transmitidos a partir de uma "tradição oral multicultural", a Umbanda pode agregar uma série quase infinita de outras práticas. Podemos dizer, portanto, que é uma religião que tem corpo doutrinário único e multifacetado, numa constante reelaboração da própria práxis.

É por isso que, ao ser determinada com uma religião de "tradição oral multicultural", não pode ser condicionada à uma única doutrina ou livro, pois está sempre em constante reelaboração dos próprios conceitos adequando-se à realidade das pessoas.

Os orixás (seres assemelhados as forças da natureza) por serem demonizados desde as primeiras manifestações, para gerar mais aceitação tiveram seus símbolos assemelhados aos símbolos religiosos católicos, resultado do sincretismo. Para além dos orixás que são sincretizados com os santos do catolicismo, temos as falanges de entidades caracterizadas como seres que viveram ou não nessa terra e evoluíram a ponto de se tornarem espíritos de luz a serviço da caridade.

Estas figuras vistas como "marginais" na sociedade, na Umbanda trazem ensinamentos do cotidiano e para a vida, sacralizando modelos sociais mundanos, como cita Almeida e Souza: "Os antigos negros deixam de ser vistos como seres moralmente e intelectualmente inferiores, como eram vistos no período colonial e mesmo depois deste, sendo representados como detentores de bondade, sabedoria e honradez" (ALMEIDA, SOUZA, 2012, p. 7).

Isso fica explícito na análise das canções, que faremos a seguir no capítulo 6, onde os negros passam a fazer parte das figuras de heróis e exemplos a serem seguidos diante das lutas e resistências enfrentadas durante séculos.

5.1 QUAIS AS MENSAGENS DAS MÚSICAS?

Nesta parte do trabalho faremos a relação de músicas selecionadas para a análise, sendo os critérios determinantes para a escolha desses pontos: a frequência com que são utilizados nas sessões, aquelas que atribuem mais valor às questões raciais e as que demonstram com mais clareza o caráter pedagógico em relação aos conhecimentos histórico-culturais.

Muitas músicas umbandistas não contêm título, pois muitas dessas foram recebidas através de entidades.

A seguir, ponto número 1: Ponto de Preto Velho

Esperança Para Um Novo Amanhecer

Juliana D' Passos e a Macumbaria

Ecoou um canto forte da senzala (2x)
Negro canta, negro dança, liberdade fez valer
Não existe sofrimento, não existe mais chibata
Só existe esperança, para um novo amanhecer

Povo negro, povo forte
Trabalhavam pro senhor
E sofriam as maldades, praticadas pelo feitor
O sangue, o suor e a lágrima
Renovavam a força pra lida
Pois sabiam que o sofrimento purificava pra nova vida
(Refrão)
Do Congo ou de Angola ou de Minas
Bahia, Aruanda ou Cambinda
São os velhinhos da Umbanda
Quem encaminham nossas vidas
Esqueceram o terror da senzala
Do cativeiro, as crueldades

Pois voltaram pra essa terra
Pra prestar a caridade

No ponto cantado número 1, ficam explícitos os relatos de sofrimento nas senzalas, lugares onde os negros eram obrigados a viver sem nenhum tipo de condição básica para a sobrevivência. O primeiro trecho do ponto é cantado: "Ecoou um canto forte da senzala, negro canta, negro dança, liberdade fez valer" o que nos remete às primeiras manifestações religiosas e que expressavam a vida e sofrimento deste povo, que aconteciam dentro das senzalas, onde prendiam os negros durante a noite.

Logo em seguida canta-se (...) "Não existe sofrimento, não existe mais chibata, só existe esperança, para um novo amanhecer"; esta referência está associada a condição de escravização sujeitada aos negros, mas que naquele momento de adoração, no qual poderiam ser eles mesmos, é considerado como um momento de libertação.

No segundo trecho temos a seguinte oração: "Povo negro, povo forte, trabalhavam pro senhor e sofriam as maldades, praticadas pelo feitor"; nesta frase podemos perceber a violência novamente sendo explícita. Os feitores eram os encarregados de cuidar dos bens dos donos de terras, além de vigiar o trabalho escravo. Os mesmos também aplicavam as punições que iam desde chibatadas e aumento de carga de trabalho.

Adiante, "O sangue, o suor e a lágrima, renovavam a força pra lida, pois sabiam que o sofrimento purificava pra nova vida" neste trecho no qual se remete novamente sobre as violências sofridas, mas ainda com a esperança de liberdade e uma vida plena.

No refrão temos a seguinte oração: "Do Congo ou de Angola ou de Minas Bahia, Aruanda ou Cambinda, São os velhinhos da Umbanda, quem encaminham nossas vidas" são citados 2 países da África (Congo, Angola) e Minas-que seria hoje conhecida como Costa de Mina, além da província de Angola – Cambinda, temos Bahia, estado brasileiro para onde foram trazidas grandes quantidades de negros para serem escravizados.

Neste trecho também são citados os "velhinhos da Umbanda", que são as entidades designadas "Pretos-Velhos", encarregados na Umbanda por orientar nessa jornada terrestre. Por fim, nos últimos trechos deste ponto é cantado: "Esqueceram o terror da senzala, do cativeiro, as crueldades, pois voltaram pra essa terra, pra prestar a caridade." Aqui temos evidente a função dessas entidades que sofreram muitos traumas e mesmo assim preferiram prestar a

caridade através do conhecimento e do respeito. Ao findar, o ponto esclarece que esses espíritos vieram para ajudar os que aqui ficaram e necessitam de amparo espiritual.

No ponto cantado número 2, destacamos novamente a condição que foi imposta aos negros, como também a sua necessidade de se expressar e buscar por auxílio espiritual.

A seguir, ponto número 2: Ponto de Preto Velho

Auiê meu cativeiro

(autor desconhecido)

Aiuê meu cativeiro,
Meu cativeiro,
Meu cativerá (3x)
Preto velho tava cansado
Ia pra senzala
E batia o tambor
Preto velho, dava viva a iaiá,
Dava viva a sinhá,
Dava viva ao sinhô

No segundo ponto, é evidenciado a condição de cativeiro em que os negros foram sujeitados a viver, de acordo com o ponto: “Aiuê meu cativeiro, meu cativeiro, meu cativerá. Preto velho tava cansado, ia pra senzala e batia o tambor”. As senzalas eram os alojamentos em que os escravizados eram aprisionados após um dia árduo de serviço, e era nesses momentos em que eles podiam expressar suas angústias e dores através de cantigas e rodas de histórias.

Além disso, na frase: “E batia o tambor” também fica claro a existência de instrumentos que acompanhavam essas cantigas, instrumentos esses que eram confeccionados por eles mesmos. No final do ponto a seguinte frase: “Preto velho, dava viva a iaiá, dava viva a sinhá, dava viva ao sinhô” nos leva a refletir sobre o porquê “davam viva ao sinhô”. Pode ser que eles usassem esse subterfúgio quando questionados sobre as cantigas e batucadas. Ou seja, não poderiam dizer que estavam em adoração, em cultação aos seus guias, por isso omitiam dando estes “vivas” como se fossem direcionados aos senhores e senhoras, donos das terras e de

No entanto, podemos perceber que não faz sentido tais negros darem “vivas” há quem os condicionaram à escravização. Essas canções são, portanto, relatos dessas violências causadas no período colonial, e devem ser estudadas com mais afinco, afim de promover que conhecimentos como este, sejam cada vez mais valorizados e preservados.

A seguir, ponto número 3: Ponto de Preto Velho

Casca de Coco

(adaptação: Os Originais do Samba)

Vovó não quer
Casca de coco no terreiro
Casca de coco faz lembrar
O tempo de cativeiro

O ponto cantado número 3, que é composto apenas por uma estrofe, no qual temos a Preta velha também considerada vovó da Umbanda, ditando não aceitar "cascas de coco no seu terreiro", pois a faziam relembrar dos tempos de escravização obrigados a trabalhar com lavoura.

No terceiro ponto evidenciamos na música, reflexos desse período, novamente temos a citação de um negro que fala sobre o "Tempo de cativeiro" e as questões do porquê a figura da vovó na canção, não quer lembrar.

De tudo que nos é ensinado sobre a escravização, nunca conseguiremos relatar todas violências que esta condicionou os negros e indígenas. Sobre os traumas enraizados na atualidade, este ponto nos leva a refletir sobre o quanto a vida das pessoas hoje em dia, é traçada pelas marcas desse passado, de modo que ações cotidianas se tornem lembranças negativas.

No quarto ponto cantados emergiram novamente a questão racial que é evidente, como as condições nas quais foram obrigados a vivenciar.

A seguir, ponto 4: Ponto de Iemanjá

Navio negreiro no fundo do mar

(autor desconhecido)

Navio negreiro no fundo do mar
Correntes pesadas na areia arrastar
A negra escrava se pôs a cantar
Saravá, minha mãe Iemanjá
Virou a caçamba de fundo pro mar
E quem nos salvou foi mãe Iemanjá
Saravá, minha mãe Iemanjá

No quarto ponto, a partir do primeiro trecho: “Navio negreiro no fundo do mar, correntes pesadas na areia arrastar, a negra escrava se pôs a cantar, Saravá, minha mãe Iemanjá”, são relatadas as condições em que os negros foram trazidos ao Brasil, através de navios “negreiros” no passado colonial.

Estes navios eram destinados exclusivamente para o transporte de escravizados, sempre amontoados, acorrentados e sem higiene nenhuma. Muitos chegavam a morrer durante as viagens pois contraiam doenças, outros morriam de fome.

No segundo verso é cantado: “Correntes pesadas na areia arrastar” o que nos remete à chegada desses povos nos litorais brasileiros, ponto de fluxo desses navios durante a exportação de escravizados. Seguindo da busca por amparo espiritual, no qual a “negra escrava se pôs a cantar, Saravá, minha mãe Iemanja.” Iemanja na Umbanda é a rainha dos mares de águas salgadas, por isso há o apelo ao imaginário espiritual. É possível perceber a profissão de fé, quando a mesma clama as forças do mar, as forças de Iemanjá para sua redenção e libertação.

De forma geral, é possível perceber ou ter uma noção sobre os conhecimentos que trazem esses pontos cantados. Há uma lista variada de músicas umbandistas que abordam em suas temáticas, o contexto histórico colonial. Portando, subentende-se que se estudadas e contextualizadas, as músicas umbandistas podem contribuir para a educação, no sentido de preservar a história de resistência destes povos, além de quebrar estigmas estruturalmente enraizados em nossa sociedade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi proposto como tema do trabalho os processos educacionais que aconteciam em um terreiro de Umbanda, por meio das músicas. Buscamos explorar o conceito de educação intercultural, que dialoga com tais processos que vão para além do ambiente escolar e analisamos músicas nas quais fazem referência ao período colonial.

Minha trajetória na Umbanda iniciada juntamente com a acadêmica, influenciou diretamente na realização desta pesquisa. De forma que, pudemos abordar conceitos de vivências, de costumes e tradições que estão sendo cada dia mais distorcidos ou omitidos.

Fazer a relação entre os processos educacionais na Umbanda implicou na busca por uma perspectiva que pudesse abranger o ensino-aprendizagem à partir de diferentes âmbitos. A interculturalilade é perceptivel dentro da Umbanda, de forma que é possível relatar fatos que concretizem a sua existência, no qual esta pesquisa foi pretenciosamente direcionada, quebrando paradigmas e fortalecendo o enriquecimento de conhecimento e respeito acerca do tema.

A partir do momento que um terreiro de Umbanda promove o respeito mútuo entre diferentes pessoas, considerando séculos nos quais negros e indígenas foram condicionados à escravização, refletindo nos processos sociais dos dias atuais, esta perspectiva intercultural se faz presente e ativa.

Durante a pesquisa, pretendíamos destacar as relações étnico-raciais que estruturam a sociedade brasileira desde o período colonial, emergindo as situações mais frequentes quando se tratam de tradições, costumes e crenças afrodescendentes. Ao analisarmos as músicas umbandistas selecionadas, foi possível perceber as histórias de resistências que estes povos trazem por intermédio destes pontos ritualísticos.

Para além dos processos educacionais que ultrapassam o ambiente escolar, este trabalho tem a intenção de inquieta-los às perspectivas de ensino intercultural, nos quais se desenvolvem a capacidade de aceitação dos indivíduos no meio sociocultural e no próprio ambiente escolar, já que é por meio da educação que temos a possibilidade de conhecimento e nos tornamos cidadãos mais conscientes do coletivo.

Buscou-se com este trabalho contribuir nos estudos sobre os processos educacionais na perspectiva da educação intercultural, sociabilizando conceitos estereotipados da sociedade, propondo incetivar à reconstrução de uma sociedade menos excludente.

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, André Luiz Monteiro de; SOUZA, Ana Guiomar Rêgo Souza. *Analisando pontos cantados da umbanda* - Hibridações e representações sociais. Anais do III Congresso Inter. de História da UFG/História e Diversidade Cultural. – ISSN 2178-1281, Jataí, 2012.

TRINDADE, Azoilda Loretto; *Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil-(2005) Disponível em: http://www.diversidadeducainfantil.org.br Acesso em: 29/06/2021*.

BALANÇO ANUAL: Disque 100 registra mais de 500 casos de discriminação religiosa. Gov.br - Governo Federal, 2019. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2019/junho/balanco-anual-disque-100-registra-mais-de-500-casos-de-discriminacao-religiosa Acesso em: 05/04/2021.

BERGO, Renata Silva. *Eu sou muzenza*: o terreiro de umbanda como contexto de aprendizagem. Belo Horizonte, 2010.

BRASIL. *Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003*. Disponível: D.O.U. de 10 de janeiro de 2003.

BRASIL. *Lei 11.645, de 10 de março de 2008*. Disponível: www.planalto.gov.br/cccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm

CNE/CP. RESOLUÇÃO nº 1, de 17 de junho de 2004. *Diário Oficial da União*. Brasília, 22 de junho de 2004, seção 1, p. 11. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf

CANDAU, Vera Maria. *Diferenças culturais e educação*: construindo caminhos. Rio de Janeiro, 2011.

COSTA, Hulda Silva Cedro da. *Umbanda, uma religião sincrética e brasileira* [manuscrito] / Hulda Silva Cedro da Costa. – 2013.

CUMINO, Alexandre. *História da Umbanda*: uma religião brasileira. São Paulo, Madras, 2015.

HITA, Maria Gabriela (Org). *Raça, racismo e genética*: em debates científicos e controvérsias sociais. Salvador: EDUFBA, 2017. 225 p.;

ROHDE, Bruno Faria. *Umbanda, uma Religião que não Nasceu*: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista. Revista de Estudos da Religião, março-2009, p. 77- 96

VAINI, Solange. *Um olhar sobre a umbanda*: memória e aprendizagem num terreiro de São Paulo. Espaço Plural, vol. VII, núm. 14, enero-junio, 2006, pp. 18-19